

INTRODUÇÃO

As modernas adaptações do Kamasutra¹ são bastante famosas, ainda que não sejam conhecidas suficientemente. Durante muito tempo, as suas primeiras traduções foram proibidas no Ocidente, e desde sempre que o mais mítico dos livros que versam o amor goza de uma reputação ultrajante. Devendo-se a uma tradição de vários séculos, este «breviário» do amor constitui, de facto, um verdadeiro fresco de uma civilização.

Mesmo nos dias que correm, o Kamasutra continua a ser, nos seus variadíssimos aspectos, surpreendentemente actual. As opiniões e os comentários emitidos por Vatsyayana têm bastas vezes um frescor inusitado, especialmente quando analisa o comportamento psicológico dos amantes...

¹ Na literatura clássica indiana está incluída uma tradição dedicada às «ciências eróticas», ou a Kama Shastra. É nessa tradição que Vatsyayana elabora o seu tratado sumário, que conhecemos por Kamasutra, aglutinação de Kama (como o autor diz, correspondente ao Eros grego, isto é, o Desejo) e Sutra, ou literalmente «cordas», a estrutura formal dos aforismos que compõem essa (e outras) obra. (N. T.)

A estrutura original do tratado de Vatsyayana servirá de suporte às várias sugestões do acto amoroso do Kamasutra moderno, uma vez que nos leva à reflexão sobre o ensino do amor. Vatsyayana prescreve às mulheres que queiram atingir a desejada categoria de Ganika (a esposa de «grandes personalidades») toda uma série de conhecimentos através das 64 artes vinculadas pelo Kamasutra.

Ainda assim, não são esses os ensinamentos que perfazem o essencial da arte de amar, uma vez que tanto os homens como as mulheres podem aprender, para além de técnicas de beijos e enlaces, a importância das dimensões dos órgãos sexuais na formação de casais e as posições que garantem a melhor combinação.

Vatsyayana apresenta-nos uma tipologia das relações, segundo a duração e o grau de intimidade, mas também de acordo com os existentes vínculos entre actos e sentimentos. As considerações associadas às brigas entre namorados permitem-nos observar as manobras de reconciliação e constatar que essas mesmas brigas, se surgem, é muitas vezes para produzir o despertar do desejo no seio do casal.

Aos homens, Vatsyayana ensina a arte de escolher uma nova esposa, e também como se devem comportar para lhe granjear a confiança antes de a iniciar no amor físico.

Ele não descreve apenas os vínculos entre os esposos e as relações adúlteras e os estratagemas dos sedutores para conquistar as mulheres do vizinho, mas ainda as estratégias que as cortesãs empregam para conquistarem um homem e para dele se livrarem quando já o «depenaram» totalmente.

Antes de concluir o seu tratado, Vatsyayana propõe um inventário de afrodisíacos e outras receitas do amor, enumerando vários modos artificiais, por vezes mágicos, a que um homem pode recorrer para atingir um aspecto sedutor. Quer seja para subjugar a mulher que deseja, quer seja para

aumentar a sua virilidade, há todo um rol de mezinhas, unguentos e poções, ou até de pénis postiços, para os casos de homens que tenham perdido a sua virilidade...

Mas antes de vos desvendar esta magnífica estrutura e revelar os segredos do Kamasutra moderno, gostaríamos de lhes falar de alguns aspectos pontuais sobre os escritos originais que constituem a essência deste livro.

Vatsyayana compôs a sua própria obra com a ajuda de textos escritos por autores que haviam vivido mais de mil anos antes dele; todavia, ele refere que controlou, através da sua própria experiência pessoal, as práticas que propõe.

De acordo com Yoashodhara, a origem da ciência erótica remontará ao mítico Mallanaga, «o profeta dos Asura» (nos tempos pré-históricos). Os primeiros escritos são atribuíveis a Nandi, companheiro de Shiva, que havia transcrito esta ciência para a humanidade (o *Kama Shashtra* ou as *Regras do Amor*, um código de saberes que aborda todos os aspectos mais refinados e as técnicas da voluptuosidade sexual).

A obra de Nandi seria mais tarde reproduzida por Shvetaketu, no século VIII a. C., antes de vir a ser estudada de novo. Uma vez que era demasiado extensa, viria a ser resumida por Babhru e os seus discípulos, conhecidos por Babhravya.

Entre os séculos III e I antes da nossa era, outros autores (como Charayana, Suvarnanabha, Ghotakamukha, Gonardiya, Gonikaputra e Dattaka) retomariam, em diferentes tratados, uma ou várias partes do trabalho dos Babhravya.

Não se pode datar com precisa exactidão o tratado de Vatsyayana. Os historiadores especializados na literatura erótica hindu sabem há já muito tempo que é anterior ao século VIII da era cristã, pois foi utilizado por Bhavabhuti – um poeta da corte do rei de Kanauj, por volta de 740 – na sua obra dramática *Malatimadhava*.

Porém, investigações mais recentes permitiram fixar uma cronologia, ainda que se mantenha algo vaga. No século VI da nossa era, um autor chamado Virahamihira utilizou diversas passagens da obra de Vatsyayana no seu *Brhatsamhita*.

Um episódio narrado no texto de Suvarnanabha e retomado por Vatsyayana permite afirmar que o texto é posterior ao século I a. C. O capítulo dedicado aos movimentos bruscos e aos gritos do amor evoca a vida do rei Shatakarni de Kuntala, que reinara no sul da Índia no século I a. C., e o qual matou a sua primeira esposa acidentalmente, enquanto a abraçava apaixonadamente... Por isso, conclui-se que o *Livro do Amor* teria sido composto entre os séculos I e VI da nossa era.

Ainda que não seja possível ser-se mais preciso, esses dois limites cronológicos já nos revelam que Vatsyayana viveu numa época que corresponde muito provavelmente à Idade Clássica da Índia, e à emergência dos Gupta. Este é um interessante dado, pois como é sabido, esse período da história da Índia foi muito refinado e próspero. Não obstante, foram também esses os séculos em que as castas alcançaram a sua máxima rigidez, assim que foram postas em prática as Leis de Manu.

Em sânscrito, a palavra *Kama* cobre o mesmo campo semântico que a grega *eros*, ou seja, significam o prazer dos sentidos. Não implica somente o desejo amoroso, portanto, mas ainda o desejo num sentido mais amplo: a satisfação dos sentidos, a audição, o tacto, a visão, o gosto e o olfacto. Na tradição hindu, o Kama, um código de saberes que aborda todos os aspectos mais refinados e as técnicas da voluptuosidade sexual, é, na verdade, o menos importante em dignidade dos grandes agentes da acção humana, colocando-se após o Artha (riqueza, poder e a busca pela perfeição nas várias artes) e o Dharma (respeito pela ordem sociocósmica através do cumprimento das leis religiosas).

A satisfação dos sentidos deve ser controlada pela mente, a qual, por seu turno, se deve guiar pela consciência do Eu.

Moska, que significa «a busca pela libertação», surge após o Kama. Representa um estado que apenas se atinge depois da libertação do peso dos actos. Este «quarto agente» da acção humana não é a soma dos outros três objectivos do homem, mas transcende-os.

Ao mesmo tempo, Kama opõe-se a Moska, pois para se atingir a libertação total o desejo deve ser eliminado, ainda que ambos estejam estreitamente ligados, já que o impulso que incita a alcançar a libertação procede do próprio desejo.

Vatsyayana, antes de emitir as suas primeiras considerações sobre o amor, elogia os três fitos da vida, a saber, a virtude (dharma), a prosperidade (artha) e o amor (kama).

O autor sugere um erotismo moral, susceptível de conduzir o homem à realização espiritual: «A infância constitui o tempo da educação; a juventude e a maturidade estão consagradas à obtenção de bens e do amor; a velhice é o tempo dos deveres religiosos com o objectivo de alcançar a libertação final (Moska).»

O erotismo moral, concebido por Vatsyayana, constitui um estímulo para desfrutar dos prazeres, ainda que se devam ter presentes, sempre, os valores espirituais. Vatsyayana convida os homens a empreender tudo o que conduz à união desses três valores, precisando que nos devemos abster de toda e qualquer acção unilateral em detrimento dos demais valores. Tudo é equilíbrio. O respeito pelos três valores terrestres deve conduzir à felicidade: a alma necessita da vida espiritual; a consciência, da moral; o espírito, do amor; e o corpo, do bem-estar.

O espírito do Kamasutra é muito característico do brahmanismo: todos os actos da vida civil estão integrados nos deveres e nos ritos religiosos.

O ensino do Kamasutra não visa jamais a mera satisfação das paixões, nem o gozo desmesurado delas. O êxtase sexual surge como uma experiência superior à razão: uma voluptuosidade suprema na qual nos apercebemos do divino. Assim sendo, reflecte o sistema de pensamento religioso, jurídico ou moral da sociedade na qual vivia Vatsyayana. Uma sociedade na qual a arte erótica fazia parte da educação das crianças e dos adolescentes.

A Índia dos nossos dias está muito mais impregnada de religiosidade e puritanismo talvez por ter sido influenciada pela religião islamista e também pela cultura britânica.

A moral judaico-cristã prevaleceu no Ocidente durante muito tempo, uma moral que reprime o instinto sexual dos indivíduos e que os mantém num trágico estado de imaturidade sexual. Felizmente, de há umas décadas para cá, as mentalidades começaram a evoluir na maioria dos países.

O puritanismo autoritário e os integralismos religiosos continuam, todavia, a existir pelo mundo. O nosso propósito não é, porém, iniciar um processo contra os «inquisidores» de todos os feitios, nem o de incitar à perversão.

O *Kamasutra Moderno Ilustrado* propõe um texto que pretende ajudar as pessoas a controlarem os seus sentidos e a alcançarem um bem-estar sem dificuldades. A sexualidade não pode continuar a ser um tema tabu, mas sim transformar-se em algo natural, e todos os actos de um casal devem participar no seu cuidado.